

O que o Vale do Silício pode ensinar ao Agronegócio?

Famoso por ser o maior polo de inovação do mundo, o Vale do Silício é o celeiro de empresas de peso ao redor do mundo, como Apple, a Google e o Facebook

Nathália Secco (*)

Contudo, vale reforçar que o pensamento disruptivo é propagado para além dessas companhias e das renomadas universidades Stanford e Berkeley, se estendendo para a mentalidade dos moradores, estudantes e profissionais da região, que possuem sede de conhecimento e buscando sempre surpreender com novidades tecnológicas.

É justamente por conta dessa abundância de capital cultural e econômico, cercado por universidades de grande relevância no cenário mundial, instituições como a NASA, uma vasta rede de empresas que investem em tecnologia e inovação, e por uma população com espírito empreendedor e até mesmo rebelde, que a região é conhecida por ser o berço de grandes inovações.

Por conta dessa mentalidade disruptiva, as startups do Vale do Silício contam com o apoio de investidores de capital de risco, ainda que 97% tendem a fracassar, de acordo com pesquisas realizadas pela própria Universidade de Stanford. Contudo, o mercado de Venture Capital tem o apetite necessário para apostar em tecnologias inovadoras, com propósitos bem definidos e com alto potencial de escala, podendo revolucionar mercados e a forma de se fazer negócios



Michalaga/Digitalglobe

ao redor do mundo.

Esse ecossistema solidificado de inovação passou a ser desenvolvido em meados de 1920, quando surgiram os primeiros investimentos em pesquisas realizadas por alunos de Stanford. E uma das principais lições decorrente do ecossistema da inovação é de que o empreendedor não pode ter medo de falhar. Por isso, o jargão mais conhecido na região é o "erre, mas erre rápido", pois é dessa forma que o empreendedor consegue aprender com as respostas do mercado à sua solução e realizar as alterações necessárias e, até mesmo, "pivotar" a sua startup.

E foi por conta da minha rápida e intensa passagem pela Universidade de Stanford, que percebi o quanto essas características comportamentais, que fazem

com que o Vale do Silício seja único, são enriquecedoras para a minha área de atuação: o agronegócio. Hoje, o Brasil já conta com cerca de 70% de seu território nacional ocupado por agtechs (startups voltadas ao agribusiness), de acordo com levantamentos recentes da Associação Brasileira de Startups - a Abstartups.

Contudo, o centro-oeste brasileiro, no qual a principal economia é proveniente do agronegócio, sendo considerado um mercado de referência internacional, ainda está engatinhando no processo de digitalização do setor. E é nesse momento que temos que nos espelhar na mentalidade disruptiva de nossos colegas norte-americanos e refletir: "o que podemos fazer para acelerar esse processo?"

E o que percebo é que,

em alguns casos, não faltam propostas inovadoras, mas sim uma certa resistência e dificuldade operacional em migrar do analógico para o tecnológico. Por isso, é importante estar atento e entender o que aqueles que estão pensando "fora da caixa" podem proporcionar para o seu negócio. Aqui, posso enumerar diversos exemplos, como softwares de gestão hídrica, sistemas de inteligência artificial e uso de drones para monitoramento de lavouras e aplicação de insumos.

Vale reforçar, também, que os benefícios de se investir em uma agricultura mais moderna vão além de tornar o manejo agrícola mais assertivo e com produtos mais competitivos para o mercado. Esses recursos também vêm para tornar o modelo de negócio mais sustentável, uma vez que é possível gerar uma economia maior de recursos naturais, com o manejo correto dos insumos gerando menos impactos ao meio ambiente.

Assim, ao "transportarmos" o comportamento do Vale do Silício para a nossa realidade, só temos a ganhar em diversos aspectos, como agilidade, eficiência, recursos, notoriedade, inovação e qualidade de vida. Aposte nessa ideia!

(*) - É fundadora e CEO da Orchestra Innovation Center, novo polo de inovação de Rio Verde, em Goiás.

Desequilíbrio econômico mundial

Benedicto Ismael Camargo Dutra (*)

A ciência econômica se subordina à escassez, isto é, à limitação dos recursos ofertados pela natureza.

Visando o equilíbrio, deveria acompanhar as oscilações da produção e oferta de empregos; a distribuição e consumo de bens e serviços; os mecanismos financeiros; a acumulação de dinheiro; as relações econômicas com o exterior; as formas de competição entre as empresas e países, e as respectivas regulamentações legais, entre outros assuntos.

Os homens inventaram o dinheiro aplicando a lei da escassez, tornando-o o bem mais cobiçado do mundo, embora o ar, indispensável à conservação da vida, é percebido como abundante. No capitalismo de livre mercado, todo o sistema ficou vinculado ao dinheiro e este deve promover a circulação da riqueza de forma equilibrada entre os indivíduos e os povos. Mas a circulação acaba estagnada travando tudo.

Uma parte da sociedade acumula bens; outra, dívidas e escassez. A ciência econômica deveria ocupar-se com o equilíbrio, mas na economia mundial está ocorrendo o oposto. Países como o Brasil mantinham o dólar barato com juros elevados, inviabilizando a produção e aumentando a dívida. Sem produção não há futuro. A produção foi se concentrar em regiões de mão de obra de custo mínimo e câmbio favorável para exportar, o que ocorre em países onde o capitalismo de Estado centraliza as decisões.

A globalização econômico-financeira provocou desequilíbrios em todas as direções, subverteu a classe política, separou os interesses das



Freepik

21 que, ao paralisar tudo, evidenciou as incoerências, provocando baixas e busca por segurança no dólar. Superar a consequente instabilidade e reequilibrar a economia são os novos desafios.

Estamos na era da aceleração dos acontecimentos. O momento exige flexibilidade e constante readaptação às novas situações que se sucedem velozmente. Precisamos de pessoas que consigam

sentir a intuição e se ponham em movimento, ver o que está faltando, o que está emperrando e ir ajustando, senão aumentarão as falhas, o tempo passará, as despesas vão superar as receitas. Sem que haja bom preparo das novas gerações a precarização geral aumenta.

Acredite se quiser, o anticristo, influencia o intelecto dos seres humanos que lhe são dóceis devido a uma certa igualdade de querer maligno, seu plano é a destruição da humanidade, que se acha submersa nas sombras de seus próprios erros, retirando-lhe a possibilidade de ter vontade própria. Por isso as criaturas humanas têm de aplicar toda a força de sua vontade espiritual para buscar a Luz da Verdade e as leis da Criação.

A vontade e a intuição são decisivas para o nosso destino. Quando as pessoas se apegam a interesses ligados exclusivamente ao material, se atam irradiando de forma pesada e negativa. Ao contrário, pessoas voltadas para objetivos elevados e nobres, irradiam leveza e alegria, pois captam isso de regiões mais luminosas.

(*) - Graduado pela FEA/USP, faz parte do Conselho de Administração do Hotel Transamerica Berrini, realiza palestras sobre qualidade de vida. Coordena os sites (www.library.com.br) e (www.videaprendizado.com.br). E-mail: (bicutra@library.com.br); Twitter: @bidutra7



Livros em Revista

Ralph Peter (ralphpeter@agenteliterarioralph.com.br)



Além da Espera

Cristina Cimminiello – Vida & Consciência – Uma obra bela, carregada de fortes emoções, paixão e uma realidade impressionante, é o mínimo que se poderá delimitar desse romance, inspirado pelo espírito Lauro. Com o devido respeito, não se trata de "mais um" livro espírita, no qual normalmente sabe-se o final. Neste, suas linhas refletem um cipal de relações pessoais, parentais envolvendo o Brasil e o Egito. Um médico vai para o Cairo, para proferir palestra. Envolve-se num banal acidente. Um homem aparece, caído à frente do veículo que o transportava ao local da palestra. Desconhecendo costumes locais, exige que o desconhecido seja hospitalizado. A partir desse incidente, sua vida sofreria profunda mudança. Pode ser lido por não sectários. Inspirador!



As Filhas de Eva

Cássia Ribeiro – Scorteci – Uma realidade pungente, que faz doer sem atingir a pele, e sim, a alma. Faz-nos pensar: Porque algumas filhas de Eva são relegadas, abandonadas a uma "sorte" desigual, sem sentido ou conotação, desprovida de valores éticos, morais ou de qualquer natureza? A autora, reconhecida internacionalmente, lastreou-se num estupro coletivo ocorrido na Índia para elaborar essa obra de cunho magistral, para escancarar ocorrências contra meninas e adultas, muitas vezes lançadas para baixo do "tapete". Forte, com suas tintas pesadas, todavia realistas, dilacera o coração de qualquer ser minimamente pensante. Verdaderamente impactante!

www.livrosemrevista.com.br

Assista ao programa Livros em Revista. Um canal repleto de novidades do universo literário. Entretenimento garantido!



Com apresentação de Ralph Peter.



Como tornar a gestão de equipes mais eficiente em período de home-office

Kauê Melo (*)

A realidade corporativa está mudando e muitas empresas estão adotando, pela primeira vez, a experiência do trabalho remoto.

A medida, imprescindível em tempos de isolamento social, é complexa para os mais diversos modelos e formatos de equipe. Especialmente para times numerosos trabalhando em grande parte ou em sua totalidade em home-office. Por isso, o home-office nos coloca, como um de seus grandes desafios, manter a produtividade do time sem comprometer a interação. Neste caso, a tecnologia segue sendo nossa principal aliada.

O mercado corporativo conta com soluções que se ajustam às dinâmicas que o trabalho em home office exige; desde oferecer possibilidades de estímulo à criatividade, como softwares de gerenciamento remoto e interatividade, até ferramentas para facilitar a produtividade. Neste cenário, trabalhar com duas ou mais telas, usando monitores por exemplo, torna-se essencial, pois aumenta a imersão no trabalho e otimiza a maneira como lidamos com as diferentes demandas no dia a dia.

Uma definição em conjunto e de forma democrática sobre o uso dos recursos de tecnologia para a rotina de trabalho é o primeiro passo. Isso inclui a recomendação dos canais indicados para tratar diferentes temáticas, especialmente questões sensíveis e urgentes; seja uma ligação, mensagem de texto, e-mail ou, efetivamente, uma reunião por videoconferência com compartilhamento de tela, por exemplo.

rência com compartilhamento de tela, por exemplo.

Fora o planejamento, é primordial priorizar a segurança e saúde mental da equipe. Ainda que esteja claro o fluxo das informações e quais canais são adequados para garantir que mensagens importantes cheguem ao time, não podemos desconsiderar que o momento que vivemos requer colaboração e transparência.

Portanto, uma agenda frequente de encontros virtuais, por áudio ou vídeo, para bate-papos rápidos e para a famosa pausa do café, pode e deve ser mantida. Outra medida que contribui tanto para a produtividade quanto para a aproximação do time é a promoção da troca de experiências sobre adaptação ao trabalho remoto.

Para manter ou aumentar o rendimento de todo um time, também é preciso disciplina organizacional. E isso passa muito por uma rotina de reuniões de orientação, de definição de metas e tarefas. É preciso ter no radar os passos de uma equipe que está separada fisicamente, mas que tem todas ferramentas para manter uma sinergia.

Responsabilidade e engajamento são fundamentais para esse novo momento no mundo corporativo. E há soluções de tecnologia suficientes para que essas premissas sejam entregues de forma rápida e produtiva. A cultura de trabalho móvel colaborativa já é uma realidade, basta explorar diferentes possibilidades e mudar o mindset para o trabalho em home office.

(*) - É diretor da divisão de B2B e monitores da Samsung Brasil